

# AS LER/DORT ENTRE BANCÁRIOS DA BAHIA: O IMPACTO DA RELAÇÃO DESEQUILÍBRIO ESFORÇO-RECOMPENSA

**Eder Dalan Mascarenhas Carneiro; Paulo Wenderson Teixeira Moraes<sup>2</sup>**

1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduando em Administração, Universidade Estadual de Feira de Santana, Núcleo de Estudos da Contemporaneidade, e-mail:

[ederdalan@hotmail.com](mailto:ederdalan@hotmail.com)

2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Núcleo de Estudos da Contemporaneidade, e-mail:

[pwmoraes@yahoo.com](mailto:pwmoraes@yahoo.com)

**PALAVRAS CHAVE:** LER/DORT, Estresse, Bancário.

## **INTRODUÇÃO**

Ao longo dos tempos, o mundo do trabalho passou por diversas transformações, sobretudo por aquelas de cunho tecnológico e da própria organização do trabalho. Por sua vez, à medida que essas transformações ocorriam, consequências importantes foram surgindo. Na contemporaneidade, algumas dessas consequências estão intimamente ligadas com a multiplicidade e intensificação de diversos tipos de adoecimentos, como por exemplo, as Lesões por Esforço Repetitivo/Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao trabalho (LER/DORT). Segundo Moraes e Bastos (2013), tais fenômenos “são uma síndrome que vem provocando sequelas irreversíveis aos trabalhadores que podem implicar na invalidez permanente”. A dor e a fragilidade, nos membros superiores ou na coluna, podem se agravar e impossibilitar até mesmo a realização das atividades mais simples e banais do dia a dia.

As LER/DORT constituem um fenômeno que atinge três níveis - individual, organizacional e social – (Moraes, 2011). No que tange ao nível social, pode-se destacar os elevados custos decorrentes da incapacidade para o trabalho. Em 2011, por exemplo, a Previdência Social gastou mais de 350 milhões de reais com auxílios-doença para casos de distúrbios do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo, sendo a segunda maior causa de concessão de auxílios-doença (BRASIL, 2011). Já no nível organizacional, observam-se a elevação dos custos, decorrente da redução da produção e do aumento da rotatividade de empregados, e baixa qualidade dos produtos e/ou serviços oferecidos. Por último, no nível individual, o trabalhador é severamente afetado, seja através do estresse, ansiedade, depressão. Além de ser multidimensional, as LER/DORT também constituem um fenômeno multifatorial - fatores biomecânicos, psicossociais e da organização do trabalho. Enfim, trata-se de um fenômeno complexo e multideterminado.

Embora o estudo do estresse seja dominado pela visão clínica (Filgueiras & Hippert, 1999) é crescente o número de pesquisas destacando que a chave para a sua compreensão e posterior enfrentamento reside em considerar sua etiologia múltipla, não negligenciando, por exemplo, os fatores psicossociais no trabalho. Esses fatores são, de forma consensual, tratados como componentes do ambiente de trabalho e que uma vez vivenciados pelo trabalhador acabam interagindo com suas características individuais, como sua perspectiva de vida (Reis et al, 2010).

Dentre os principais modelos que discutem os fatores psicossociais há o modelo do Desequilíbrio Esforço-Recompensa (DER), desenvolvido e proposto por Jonathan Siegrist. O modelo sustenta-se na ideia de que o trabalho na vida adulta define um elo crucial entre as funções de auto-regulação, como a auto-estima, auto-eficácia e a estrutura social de oportunidades (Siegrist, 1996). Adicionalmente, adverte que os efeitos potencialmente benéficos do papel do trabalho na auto-regulação emocional e motivacional são contingentes a um pré-requisito básico de troca na vida social, isto é, a reciprocidade. Dessa forma, o esforço no trabalho é gasto como parte de um processo de troca para o qual a sociedade, em geral, contribui através de recompensas. Para o autor, essas recompensas são distribuídas por três sistemas: dinheiro, estima e controle de status. O problema surge quando há baixa reciprocidade entre custos e ganhos (como condições de alto custo e baixo ganho), uma vez que situações como essa estão, geralmente, associadas a um estado de sofrimento emocional, com implicações na saúde física do trabalhador.

Dentre as diversas atividades econômicas, a atividade bancária é uma das principais atividades de incidência das LER/DORT (Moraes, 2011). Tendo em vista que o ambiente bancário é também caracterizado pela alta rotinização de processos, por forte controle e cumprimento de metas, o presente trabalho buscou desenvolver um estudo concernente à relação do desequilíbrio existente entre o esforço e a recompensa com as LER/DORT, em trabalhadores desse tipo de organização na Bahia.

## **METODOLOGIA**

A fim de analisar as relações dos fatores psicossociais, como o desequilíbrio esforço-recompensa, com as LER/DORT, constituiu-se uma amostra de bancários abordados em 38 diferentes agências do Estado da Bahia, de bancos públicos e privados, e no Sindicato dos Bancários da Bahia. Após explicação dos objetivos da pesquisa e adesão do participante, foi entregue um questionário para ser preenchido num prazo de uma semana. Foram entregues 340 questionários ao longo de seis meses, entre agosto de 2012 e janeiro de 2013, obtendo-se a excelente taxa de retorno de 65%. O questionário constitui-se basicamente de escalas para autoavaliação da saúde ocupacional e também de atitudes relacionadas ao trabalho. A escala do modelo desequilíbrio esforço-recompensa utilizada é composta por 16 itens, divididos em três partes: esforço (3 itens), recompensa (7 itens) e comprometimento excessivo (6 itens), que são respondidos com base no padrão Likert, que variou de 1 a 4, sendo 1 discordo completamente e 4 concordo completamente. (Siegrist, Wege, Puhlhofer, & Wahrendorf, 2009).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

Participaram da pesquisa 220 bancários do Estado da Bahia com idade média de 40,4 anos. Em relação ao gênero, 55,5% da amostra são mulheres. Pôde ser observado também que 91 (41,4%) dos bancários da amostra afirmaram já terem sido diagnosticados por LER/DORT, sendo que a proporção de homens com essa síndrome é bem menor (33%). Este dado corrobora com pesquisas anteriores (Ribeiro, 1999) em que o percentual de mulheres acometidas é superior ao dos homens. A idade também se revelou uma informação esperada, pois com o envelhecimento e a rigidez oriunda do sedentarismo, aumenta-se a probabilidade de desenvolver desconforto osteomuscular. Entre aqueles que têm o diagnóstico, a média de idade salta para 47,1 anos, e diminui

para o não acometido, cuja idade média é de 35,7 anos (esta diferença foi significativa,  $p < 0,001$ ).

Quanto ao estado civil constatou-se que entre os não acometidos há mais solteiros do que entre os acometidos, respectivamente, 46,8% e 19,8%. O estado civil certamente está impactando no fato de que 48,8% dos não acometidos não possuem filhos. Tendo mais casados entre os acometidos, 61,8%, apenas 14,3% deles não têm filhos. Muitas vezes a família e filhos podem representar uma dupla jornada após o trabalho que impacta no organismo com sobrecarga e prolongamento do estado de estresse.

Na tabela 1, a seguir, os bancários com LER/DORT obtiveram uma média superior de esgotamento psíquico em relação aos outros dois grupos, respectivamente, 1,89, 1,60 e 1,32, sendo o último grupo aqueles que não sentem desconforto e não possuem diagnóstico. O grupo que não tem diagnóstico, mas relatou algum desconforto foi o que, em média (9,28), avaliou a carga de trabalho ou esforço como mais pesada, mas também foi o que mais se sentiu recompensado (18,57). Apesar da diferença entre médias com o grupo do “s/desconforto e s/ LER/DORT” não ser significativa, em relação ao grupo dos diagnosticados, a diferença entre médias é significativa ( $p < 0,001$ ). Já aqueles que têm o diagnóstico de LER/DORT avaliaram a carga de trabalho como menos pesada do que os outros dois grupos, (8,30), sendo a diferença significativa ( $p < 0,001$ ). Esta diferença na avaliação da carga de trabalho, sendo autoavaliada como menos pesada para aqueles que têm LER/DORT, pode ser explicada pelo fato de que a grande maioria daqueles que foram diagnosticados já estão nessa condição há mais de 2 anos, muitas vezes tendo sido remanejados para outras atividades menos exigentes e afastados do trabalho diversas vezes. Já quanto à recompensa, este grupo é o que menos se sente recompensado no ambiente de trabalho, sendo a diferença em relação ao grupo dos “c/ desconforto e s/ LER/DORT” significativa ( $p < 0,001$ ).

Tabela 1: Estresse psíquico e subescalas do modelo Desequilíbrio Esforço-Recompensa(DER), 2013.

	<b>s/desconforto e s/ LER/DORT</b> <b>n=38</b>	<b>e c/ desconforto e s/ LER/DORT</b> <b>n=91</b>	<b>Diagnosticados c/ LER/DORT</b> <b>n=91</b>
<b>Esgotamento Psíquico (Md/dp)*</b>	1,32 (0,44)	1,60 (0,48)	1,89 (0,53)
<b>Carga de Trabalho/ Esforço (Md/dp)*</b>	8,53 (1,72)	9,28 (1,77)	8,30 (1,77)
<b>Recompensa (Md/dp)*</b>	17,95 (3,42)	18,57 (3,79)	15,54 (3,73)
Estima*	5,5 (1,13)	5,81 (1,25)	4,64 (1,29)
Segurança*	5,29 (1,25)	5,39 (1,29)	4,65 (1,36)
Promoção*	7,16 (1,79)	7,36 (1,79)	6,25 (1,77)
<b>Comprometimento Excessivo</b>	13,87 (3,80)	14,03 (3,25)	14,44 (3,66)

<b>DER</b>	1,16 (0,39)	1,25 (0,49)	1,35 (0,51)
------------	-------------	-------------	-------------

\*diferença entre médias significativa (p< 0,001)

Em relação ao comprometimento excessivo, apesar do grupo dos diagnosticados avaliar maior compromisso excessivo, a diferença foi pequena e não significativa. O índice de Desequilíbrio entre Esforço e Recompensa (DER) acima de 1 indica que o esforço foi avaliado como maior do que a recompensa. Então, como pode ser visto na tabela 1, em média todos os grupos avaliaram um desequilíbrio entre esforço e recompensa, ou seja, se esforçam mais do que são recompensados.

Dado o exposto, percebeu-se que apesar do grupo dos diagnosticados ter obtido uma média de DER maior, indicando maior desequilíbrio, essa diferença não se revelou significativa. Como esse índice é composto pela relação entre os outros escores de Carga de Trabalho/ Esforço e Recompensa, a média baixa no esforço para os diagnosticados pode ter comprometido a significância. Entretanto, apesar de não ter diferenciado os grupos de risco, as previsões do modelo de Siegrist (1996) em parte foram corroboradas, uma vez que um emprego em que há desequilíbrio entre esforço e recompensa (como condições de alto esforço e baixa recompensa) pode provocar dor musculoesquelética nos trabalhadores. Nesse sentido, e tendo em vista os custos individuais, organizacionais e sociais, o fenômeno das LER/DORT precisa ser visto e tratado de modo mais amplo, já que não apenas os fatores biomecânicos – como a ergonomia – estão envolvidos, como também aspectos psicossociais do trabalho.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. (2011). AEPS – Anuário Estatístico da Previdência Social. In MPS/DATAPREV (Ed.), (Vol. 20, pp. 1–888). Brasília: Ministério da Previdência Social.
- FILGUEIRAS, J. C.; HIPPERT, M. I. S. (1999). A Polêmica em Torno do Conceito de Estresse. *Psicologia – Ciência e Profissão*, 19(3), 40-51.
- MORAES, P. W. T. (2011). *As LER/DORT como um Fenômeno multifatorial e multidimensional: Um Estudo sobre os Fatores Organizacionais e Psicossociais*. Paper presented at the XXXV Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, Rio de Janeiro.
- MORAES, P. W. T; BASTOS, A. V. B. (2013). As LER/DORT e os fatores psicossociais. 65. doi: <http://seer.psychologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/788>
- RIBEIRO, H. P. (1999). A violência oculta do trabalho: as lesões por esforços repetitivos. 240.
- REIS, A. L. P. P. dos, FERNANDES, S. R. P; GOMES, A. F. (2010). Estresse e fatores psicossociais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(4), 712-725.
- SIEGRIST, J. (1996). Adverse health effects of high-effort/low-reward conditions. *J Occup Health Psychol*, 1(1), 27-41.
- SIEGRIST, J., WEGE, N., PUHLHOFER, F; WAHRENDORF, M. (2009). A short generic measure of work stress in the era of globalization: effort-reward imbalance. *Int Arch Occup Environ Health*, 82(8), 1005-1013. doi: 10.1007/s00420-008-0384-3.